

De ARISTÓTELES ANGHEBEN PREDEBON

O tempo que passa
é alma perdida, em meu país.
Nós aqui permanecemos.
A memória é material penhor
que temos dos mortos
de não nos terem partido.
Incertos esperamos,
porque se há de esperar,
mas nada tememos.

Cá o sopro se pega às pedras,
telúrico de vinhas e olivais,
desafeito ao comum esquecimento,
em comum saudade.

Despojamo-nos de todo o pensamento,
a andar e dormir
com o dia e com a noite.
Entanto, também esta a causa
de aflição e desalento.
Temos agora, por um tempo,
a visão de um cais, que buscamos,
para que no mar continuemos.

Ainda vou combinar
o mar com os tecidos
dos armários cheios de ventos.
Os peixes iluminados,
que rebentam no limiar da escrivainha,
terão ali seu lugar.
E as estrelas,
que viram seus braços
crescerem no rés das areias,
deslizarão seus corpos macios
para o lado escuro da vida.
Tudo, enquanto tarda o dia
e não se vê a cor da terra.

NOTA INTRODUTÓRIA / 5

SANDRA MÁRCIA PEREIRA

Cantares Galegos / 7

TANIA MARTUSCELLI

A Singularidade de António Maria Lisboa na Poesia Portuguesa / 39

RENATA SOARES JUNQUEIRA

Florbelas Espanca e os Modernistas Portugueses / 67

CAIO LUI GAGLIARDI

A Leitura como Construção da Tradição / 79

LUÍS FERNANDO PRADO TELLES

Jogo da Cabra Cega ou o Ensaio sobre a *Ironia* / 87

ALEXANDRE CAROLI ROCHA

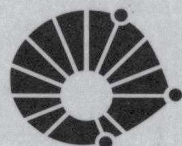
Guerra Junqueiro de Chico Xavier / 119

SUPLEMENTO LITERÁRIO

João Miguel Moreira Auto / 145

Caio Gagliardi / 149

Aristóteles Angheben Predebon / 155



UNICAMP